

Educação à direita -- apontamentos a partir da obra de Michael Apple

Edinei Oliveira Vasco

Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás

Resumo: Apesar de se restringirem especificamente ao campo educacional dos Estados Unidos, as críticas de Michael Apple – educador e sociólogo da educação – direcionadas ao projeto político-pedagógico neoliberal e neoconservador também podem ser aplicadas à realidade de outros países, tal como o Brasil, pois permitem que se entendam aspectos da atual conjuntura político-partidária na qual os elementos discursivos não podem se efetivar na realidade concreta das práticas políticas e econômicas, a não ser quando compactuam com os interesses destas. De acordo com Apple (2003), a configuração de uma “Nova Direita” está relacionada ao conjunto de grupos políticos que integram a direita e a esquerda no interior do bloco governista e aos setores empresariais e membros da sociedade civil que tendem a formar uma aliança entre *neoliberais*, *neoconservadores*, *populistas autoritários* e a *nova classe média*. Tal aliança compõe, na verdade, a nova constituição e concretização ideológicas do bloco hegemônico, cuja união é estratégica e tem por interesse – além de pessoais e grupais – garantir a reestruturação capitalista que só pode ocorrer a partir do aumento da exploração da classe trabalhadora. Nesse sentido, esse pequeno texto tem como objetivo analisar, ainda de maneira sucinta, os elementos constitutivos desta aliança, assim como as suas perspectivas e posições em relação ao processo educacional.

Palavras-chave: Educação. Capitalismo. Neoliberalismo

Introdução

Em seus trabalhos mais recentes, principalmente no livro “Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade”, Michael Apple – educador e sociólogo da educação – tem analisado os movimentos neoliberais e conservadores que pretendem reconstruir e direcionar a educação conforme seus interesses políticos e, principalmente, econômicos, utilizando-se para isso de artifícios prejudiciais não somente ao processo educacional, mas à sociedade como um todo. De acordo com suas palavras:

Para muitíssimos dos eruditos, políticos, dirigentes de grandes empresas e outros, a educação é um negócio e não deve ser tratado de forma diferente de nenhum outro negócio. O fato dessa posição estar se tornando agora cada vez mais comum é evidência de algumas tendências preocupantes. Dentre as muitas vozes que falam agora sobre a educação, só as mais poderosas tendem a ser ouvidas. Embora não exista nenhuma posição unitária que centralize aqueles que têm o poder político, econômico e cultural, as tendências mais importantes em torno da qual gravitam tendem a ser mais conservadoras do que progressistas (APPLE, 2003, p. 1-2).

Nesse sentido, Apple tem pesquisado e conceituado sobre a ascensão de um movimento político que ele designa como a “Nova Direita” e sobre as tradições e discursos políticos que daí derivam, constituindo um imaginário coletivo que é, em partes, mitologizado sobre estas questões. Os alvos de suas críticas endereçadas ao projeto político-pedagógico neoliberal e neoconservador – apesar de se restringirem especificamente ao campo educacional dos Estados Unidos – também podem ser aplicadas à realidade de outros países, tal como o Brasil, pois permitem que se entenda aspectos da atual conjuntura político-partidária na qual os elementos argumentativos do discurso eleitoral não podem – nem têm a intenção – de se efetivarem na realidade concreta das práticas políticas e econômicas, a não ser quando compactuam com os interesses destas.

Ou seja, as práticas no exercício do poder político – diferentemente do discurso eleitoral, seja de direita ou de “esquerda” – devem ser sempre direcionadas à direita e condescender com suas diretrizes governamentais, justamente em função de seu comprometimento com o moderno Estado capitalista que é, por essência, “o comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX; ENGELS, 1993, p. 68).

Assim, para Apple (2003), a “Nova Direita” está diretamente relacionada a um conjunto de grupos políticos que integram a direita e a “esquerda” no interior do bloco governista e aos setores empresariais e membros da sociedade civil que formam uma aliança entre *neoliberais*, *neoconservadores*, *populistas autoritários* e a *nova classe média*. Essa realidade política, a partir de alianças conceituais, é na verdade a nova constituição e concretização ideológicas do bloco hegemônico, cuja união é estratégica e tem por interesse garantir a dominação, a exploração e, por conseguinte, a manutenção do *status quo* de seus membros.

[...] o primeiro grupo é o que eu chamo de *neoliberais*. Estão profundamente comprometidos com mercados e com a liberdade enquanto “opção individual”. O segundo grupo, os *neoconservadores*, tem a visão de um passado endêmico e quer um retorno à disciplina e ao saber tradicional. O terceiro é o que eu chamo de *populistas autoritários* – fundamentalistas religiosos e evangélicos conservadores que querem um retorno a (seu) Deus em todas as instituições. E, por fim, [...] os especialistas em dizer se chegamos ou não a nosso destino são membros de uma

fração particular da *nova classe média* de gerentes e de profissionais qualificados (APPLE, 2003, p. 13, grifos do autor).

Nesse sentido, e a partir do supracitado, o presente trabalho busca compreender quais são as perspectivas, posições e convicções destes grupos – *neoliberais*, *neoconservadores*, *populistas autoritários* e a *nova classe média* – em relação ao processo educacional. E, para tal compreensão, o objetivo principal deste texto centra-se em analisar, ainda de maneira breve, cada um dos grupos constitutivos desta aliança que caracterizam o que Apple (2003) designa como a “nova direita”.

Referencial Teórico

Os *Neoliberais* sempre buscam a introdução da noção de mercado em todas as esferas da vida social e, assim sendo, tendem a executar uma ruptura entre o Estado e a realidade social; isto é, colocam em prática uma destruição metódica (sucateamento) de todas as instituições coletivas e públicas capazes de interpor obstáculo à lógica do livre mercado. Conforme Apple (2003), o neoliberalismo tende a modificar a própria ideia de democracia, transformando-a em apenas mais um conceito econômico, e liberando-a de sua acepção política e etimológica, uma vez que o núcleo do poder não está mais centrado nas decisões meramente políticas, mas sim no complexo financeiro-empresarial cujas dimensões globais impõem adaptações e especificações locais.

Ou seja, em uma sociedade dividida em classes, a “democracia dominante” é a democracia que interessa ao bloco dominante, podendo ela tomar a forma que a este grupo convier nos momentos de reestruturação econômica. Logo, uma percepção correta do neoliberalismo tende a ser ofuscada ao se interpretar a “democracia” como um valor universal e ideal e a partir de sua etimologia; quando, na verdade, ela deveria ser compreendida como realmente é no âmbito da moderna sociedade capitalista.

Compreender o que isso significa tornou-se mais difícil para todos nós em nossa vida cotidiana por causa das formas dominantes de interpretação que existem agora ou às quais a educação e a mídia não dão um acesso fácil. Como já disse, os próprios conceitos que empregamos para dar sentido às relações sociais que organizam nossa vida não só refletem essas relações, como as produzem (APPLE, 2003, p. 23).

A ideia básica do neoliberalismo, no que diz respeito à educação, é a de que somente pela introdução da livre competição comercial entre as escolas e uma maior produtividade destas – minimização das despesas e maximização dos lucros –, assim como o

reconhecimento meritocrático entre os indivíduos, é que fará com que a educação supere o seu esfacelamento na esfera pública e, conseqüentemente, a sua crise estrutural e pedagógica. A educação deixa de ser discutida como um bem de uso e passa a ser entendida como uma mercadoria, transformando-se num bem de troca – com valor qualitativo e quantitativo – adquirido no mercado de trabalho e, dependendo do poder aquisitivo de quem a compra, no mercado dos bens simbólicos. Aos olhos dos defensores do projeto neoliberal, é somente com a inserção das escolas no mercado competitivo que haverá algum tipo de melhoria, já que na atual circunstância que se encontra a educação pública não existem alternativas que se possa considerar, pois o mundo é governado pelos mercados e por uma competição intensa. Para Apple (2003, p. 21), “embora nos digam constantemente que nada mais é possível, é importante entender que o neoliberalismo é, em essência, o capitalismo sem luvas de pelica”, e que a aceitação e o uso de categorias e conceitos de mercado impossibilitam ver o processo histórico em sua totalidade, impedindo uma crítica antes mesmo que ela comece.

Já os *Neoconservadores* buscam um embasamento referente à manutenção e perpetuação de um passado considerado organizado e perfeito. Referem-se à uma época em que os valores tradicionais, a ética e a moral eram transmitidos e aceitos sem problemas, e a escola ensinava o verdadeiro, único e adequado saber. O objetivo deste grupo é o retorno e estabelecimento da ordem tradicionalista, da disciplina e da hierarquização de padrões a serem seguidos por todos, difundidos e enfatizados no âmbito escolar.

Contra os temores de uma decadência moral e social e da desintegração cultural, há uma sensação da necessidade de um “retorno”. Em situações como essas, é comum construir um passado romântico, um passado que glorifica (certas versões) da família e da tradição, do patriotismo, dos valores vitorianos, do trabalho duro e da manutenção da ordem cultural. Os bárbaros estão às portas das cidades. E se não restaurarmos “nosso” saber, “nossos” valores e “nossas” tradições, recolocando-as no lugar central que ocuparam um dia, a civilização vai desaparecer. Não seria de admirar que aqui também as escolas e os currículos, o ensino e as provas que existem ou que não existem ali se tornem os principais alvos do ataque (APPLE, 2003, p. 25-26).

Por trás de grande parte da posição neoconservadora há um claro sentimento de perda. Perda da fé, perda de comunidades imaginárias, perda de uma visão quase idílica de pessoas com a mesma mentalidade e que partilhavam normas e valores nos quais a tradição ocidental reinava de maneira suprema. E, ainda, a preocupação com uma suposta perda do controle cultural juntamente com a sensação de um mundo cada vez mais degradado estão entre os muitos temores culturais e sociais que impulsionam suas ações. No entanto, segundo Apple, os neoconservadores não se atentam para o fato de que a dinâmica econômica

dominante – da qual também fazem parte – é que produz as condições históricas, sociais, educacionais e, sobretudo, as condições ideológicas que eles tanto lamentam.

Os *Populistas autoritários*, de acordo com Apple (2003), são os fundamentalistas cristãos que querem impor, para a sociedade em geral, sua visão religiosa conservadora como verdade absoluta e inquestionável, estabelecendo seus dogmas e alegando que (seu) Deus deve estar presente e acima de todas as instituições, pois a autoridade religiosa deve sobrepor-se à política pública. Para esse segmento, a escola é uma das instâncias responsáveis por difundir a fé com base nos mandamentos e na tradição bíblica como norma de conduta e alicerce do conhecimento. Em termos mais precisos:

Para um segmento da população conservadora em processo de crescimento rápido, a mensagem de Deus para todos nós é que devemos nos dedicar tanto ao capitalismo quanto à tradição. Por isso, de uma forma tensa, mas complementar, grande parte dessa ênfase num “retorno” é sustentada pelos principais elementos da direita cristã de nossos dias. Eles acreditam que somente dedicando toda a nossa vida às suas crenças religiosas é que nossa sociedade e nossas escolas serão salvas (APPLE, 2003, p. 27).

Os populistas autoritários da “nova direita” querem basear suas posições políticas e sociais, e, de forma mais contundente, suas posições relacionadas à educação, a partir de certas visões da autoridade bíblica. Para eles, o ensino público é uma força perigosa – em termos religiosos, sexuais, econômicos, patrióticos e físicos – que existe na vida de uma criança. E isso está diretamente ligado à sensação de perda para a “nova direita” no que diz respeito ao controle sobre a rigidez na educação e na família nuclear tradicional. Nesse sentido, novas coalizões – a partir de grupos conservadores e cristãos – acabam sendo formadas. E dentre as muitas vozes que, baseadas em suas convicções, buscam regulamentar a educação, estas tendem a ser ouvidas.

Por último, a *nova classe média* é o grupo que adequa os conhecimentos técnicos de gerenciamento e faz a avaliação das práticas necessárias à manutenção da aliança dominante. Estabelecem o consenso e os clichês que devem ser aceitos em torno da lógica do mercado em todas as esferas sociais, enfatizam a valoração das tradições do passado e a manutenção destas, exaltam suas perspectivas religiosas conservadoras como comprometimento que deva ser geral. Logo:

[...] enquanto especialistas em eficiência, administração, provas e avaliação, fornecem os conhecimentos técnicos necessários para implementar as políticas de modernização conservadora. Sua própria mobilidade depende da expansão tanto desses conhecimentos especializados quanto das ideologias profissionais de controle, mensuração e eficiência que os acompanham. Assim sendo, apoiam muitas vezes essas políticas enquanto “instrumentos neutros”, mesmo quando elas são

usadas com outros objetivos que não as finalidades supostamente neutras com que essa fração de classe está comprometida (APPLE, 2003, p. 71).

Esse grupo participa da “nova direita” em função de interesses pessoais e procurando garantir a sua mobilidade social. Para Apple, a nova classe média tem o interesse na manutenção das desigualdades, pois suas credencias, privilégios e participação como classe em ascensão só têm valor quanto menos pessoas fizerem parte deste processo. Deste modo, a produção e reprodução de ideologias que estratificam cada vez mais a população tendem a aumentar o valor das credenciais, fazendo com que apenas a nova classe média tenha a probabilidade de acumulá-las.

Apesar de esses quatros grupos forjarem uma aliança estratégica, esta não tende a formar um bloco coeso e, assim sendo, não está garantida para sempre, pois depende de constante rearticulação e renovação de peças chaves. Ou seja, mesmo que haja uma trégua temporária para garantir o *status quo* do bloco, este é formado por uma aliança em que há contradições de interesses políticos, econômicos e religiosos, o que acaba gerando crises internas que repercutem externamente como se fossem uma vontade ou necessidade geral. Estas crises são minimizadas, historicamente, através de uma costura de pactos e acordos por meio de medidas e ações que beneficiam os interesses comuns de cada grupo (APPLE, 2003; GANDIN, 2011).

A articulação da “nova direita” vem produzindo o que Michael Apple chama de “modernização conservadora”, isto é, um processo que perpetua a ideia de que se está “modernizando” e valorizando o social a partir de políticas públicas. Essa “modernização conservadora” é equivalente ao “reformismo” que, segundo Mézaros (2008), baseia-se na tentativa de postular uma mudança gradual e paliativa em determinados fenômenos ou aspectos da sociedade, através da qual apenas se ajustam “defeitos específicos” – sem nenhuma mudança significativa na base – de forma a modificar ou remover elementos sobre os quais as reivindicações possam ser articuladas. Logo, essa “modernização” não está direcionada a tornar o social mais justo e igualitário, mas sim para amenizar as insatisfações e, por conseguinte, amortecer as lutas de classes, o que garante a conservação e reprodução do modo de produção capitalista.

Portanto, há um processo previsível e inevitável de alianças dentro da atual conjuntura sociopolítica, da qual fazem parte os representantes do governo – independente de qual ideologia partidária sejam –, setores empresariais e grupos da sociedade civil que formam o que Apple (2003) designa de a “Nova Direita”. Segundo Gandin (2011), o bloco dominante precisa sempre estabelecer o seu discurso como aquele que faz sentido e agrada;

isto é, um discurso que não é percebido a partir de seus elementos dominantes, ideológicos e contraditórios, mas sim como uma forma natural e coletiva de pensar e proceder. Logo, no que se refere à educação, o Estado capitalista – gerido por uma aliança de interesses comuns – não tem a intenção de ser “educador” no sentido de fornecer ou garantir uma legítima educação de qualidade, isto é, uma educação com perspectivas de transformação social. Mas, ao contrário, tende a enfatizar uma educação que possa, ao mesmo tempo, legitimar a lógica capitalista e garantir a manutenção deste modelo de sociedade.

Nesse sentido, a mercantilização da educação, na qual os interesses neoliberais, partidários e econômicos de grandes setores empresariais prevalecem, tende a sucatear a educação pública em favor de uma lógica do livre comércio e, assim, reduz a educação a uma mera mercadoria, e a instituição educacional a um grande mercado, cuja dinâmica fabril deve produzir a nova classe média – profissionais qualificados e intelectuais necessários à manutenção da máquina capitalista –, onde quem não se adapta aos padrões pré-estabelecidos é rapidamente descartado. Em outras palavras, a lógica do processo educacional da “nova direita” não intenta promover transformações na ordem social, econômica e política que venham a favorecer aqueles que mais necessitam; mas, pelo contrário, tende a um modelo estratificador e basicamente taylorista que leva o educando à alienação (APPLE, 2003). É por isso que, conforme destaca Saviani (1991, 2001), a aparente crise na educação é, na verdade, o êxito de um projeto político; ou seja, aquilo que se pensa ser uma disfunção é, de fato, a própria função.

Metodologia

A pesquisa apresentada tem um caráter qualitativo e natureza analítico-descritiva, tendo como base um referencial bibliográfico a respeito da temática e dos objetivos propostos (BRASILEIRO, 2012; LAKATOS; MARCONI, 2001; LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Buscam-se, portanto, resultados a partir das análises e reflexões sistematizadas dos referenciais bibliográficos. O desenvolvimento desta pesquisa é também norteado pelo método materialista histórico-dialético que tem como procedimento metodológico a) negar a fragmentação e isolamento de todo e qualquer fenômeno em questão, entendendo sua imanência à *totalidade* concreta e histórica, não podendo dela se dissociar; b) analisar o objeto de estudo levando em consideração as *contradições* que fomentam uma estrutura social polarizada na qual surgem tensões cada vez maiores entre as duas classes fundamentais (burguesia e proletariado) e suas frações, promovendo assim confrontos político, social,

cultural etc.; c) recusar a suposta *neutralidade-axiológica positivista* e d) se posicionar a partir dos pressupostos e *perspectivas do proletariado*, pois esta é a única classe que realmente tem interesse na verdade, uma vez que nada tem a perder, a não ser suas correntes (LÖWY, 2013; VIANA, 2007).

Resultados e Discussões

Mais do que entender como a “nova direita” vem operando, Apple (2003) enfatiza também o aspecto contraditório da educação e a escola como um espaço de luta de classes que reproduz as relações conflituosas entre dominantes e dominados; e, principalmente, a luta incessante dos trabalhadores contra o processo de dominação, exploração e opressão que os afligem, não apenas no âmbito escolar, mas em todas as esferas da sociedade. E, assim sendo, é preciso articulações e organizações contra-hegemônicas de contestação e de resistência às políticas neoliberais, pois o espaço escolar pode assumir a função política de instrumento da crítica, já que ele contém em si todas as contradições inerentes ao sistema.

Portanto, e de acordo com Alvite (1981), são justamente as contradições próprias ao discurso educacional e ao sistema capitalista que impedem a escola de reproduzir, de maneira estática e imutável, a ideologia da classe dominante. Ou seja, apesar de se reconhecer que a escola reproduz a ideologia hegemônica, ela também gera os elementos críticos que questionam, que se opõem e, enfim, que colocam em xeque essa hegemonia.

Conclusão

Esta concisa análise procurou abordar o que Apple (2003) define como uma “Nova Direita” que se configura a partir de grupos políticos integrantes do bloco governista, do complexo financeiro/empresarial – cujas dimensões globais impõem adaptações e legislações locais – e também membros da sociedade civil formando, assim, uma aliança que integram *neoliberais, neoconservadores, populistas autoritários* e a *nova classe média*. Nesse sentido, o objetivo foi o de analisar, ainda de maneira breve e superficial, cada um dos elementos constitutivos desta aliança, procurando compreender quais seriam suas posições e convicções em relação à escola e ao processo educacional como um todo. Logo, o texto aqui apresentado não tem o desejo de em suas poucas linhas encerrar a apreciação e o desenvolvimento do assunto. Mas, espera-se, sobretudo, levantar novas perspectivas e indagações a respeito da temática proposta.

Referências

APPLE, M. *Educando à Direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

ALVITE, M. M. C. *Didática e Psicologia: Crítica ao psicologismo na educação*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BRASILEIRO, A. M. M. *Manual de produção de textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

GANDIN, L. A. Michael Apple: a educação sob a ótica da análise relacional. In. REGO, T. C (org.). *Currículo e Política educacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. (Org.). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações*. São Paulo: Autores Associados, 1991.

_____. *Escola e Democracia*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

VIANA, N. *A Consciência da História*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.